



MUSEUS NA CONTEMPORANEIDADE ENTRE PRESERVAÇÃO, EDUCAÇÃO E LAZER COMO ESPAÇOS DE CIDADANIA

Romilda Aparecida Lopes, Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior, Inácio Botto Ferreira, Gustavo Felizardo Reis



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p9812-9831>

Artigo recebido em 31 de Outubro e publicado em 31 de Dezembro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

O presente trabalho abordou o papel educativo e social dos museus na contemporaneidade, considerando sua evolução histórica, suas transformações conceituais e epistemológicas e o impacto dessas mudanças nas práticas de mediação cultural. O objetivo geral consistiu em analisar como os museus, tradicionalmente voltados à preservação de acervos, passaram a integrar dimensões educativas, de lazer e de interação social, estabelecendo-se como espaços de cultura e cidadania. Os objetivos específicos incluíram compreender a evolução histórica da instituição museu, investigar o papel da mediação no diálogo entre acervo e público e identificar práticas educativas inovadoras que favorecessem a democratização do acesso e a participação ativa dos visitantes. A pesquisa foi conduzida por meio de metodologia qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com base em revisão bibliográfica. Foram consultados autores relevantes da área da museologia e da educação, além de documentos institucionais e diretrizes culturais. A análise do referencial teórico possibilitou constatar que a mediação educativa constitui elemento central para a aproximação entre museu e público, pois amplia a compreensão das exposições, estimula o pensamento crítico e permite que os visitantes atribuam novos significados às obras e objetos expostos. Observou-se que práticas interativas e dialógicas, fundamentadas na participação do visitante, contribuem para a democratização do espaço museal, favorecendo tanto a dimensão de lazer quanto a de aprendizagem. Constatou-se ainda que a incorporação de recursos lúdicos e multimídia nas ações educativas potencializa a experiência do público, tornando-a mais inclusiva e acessível a diferentes faixas etárias e perfis socioculturais. Concluiu-se que, na atualidade, o museu não se limita a ser um depositário de bens culturais, mas atua como agente ativo de transformação social, promovendo encontros, trocas e processos de construção coletiva de conhecimento. Os resultados evidenciaram que a articulação equilibrada entre preservação, educação e lazer é essencial para que o museu cumpra sua função social e cultural, consolidando-se como espaço vivo, participativo e comprometido com a diversidade e a pluralidade cultural.

Palavras-chave: Museus. Educação museal. Mediação cultural. Patrimônio cultural. Lazer.



MUSEUMS IN CONTEMPORANEITY BETWEEN PRESERVATION, EDUCATION, AND LEISURE AS SPACES OF CITIZENSHIP

ABSTRACT

This study addressed the educational and social role of museums in contemporary times, considering their historical evolution, conceptual and epistemological transformations, and the impact of these changes on cultural mediation practices. The general objective was to analyze how museums, traditionally focused on preserving collections, began to integrate educational, leisure, and social interaction dimensions, establishing themselves as spaces of culture and citizenship. Specific objectives included understanding the historical evolution of the museum institution, investigating the role of mediation in the dialogue between collection and public, and identifying innovative educational practices that foster access democratization and active visitor participation.

The research employed a qualitative methodology, of an exploratory and descriptive nature, based on a bibliographic review. Relevant authors in the fields of museology and education were consulted, along with institutional documents and cultural guidelines. The analysis of the theoretical framework allowed us to verify that educational mediation is a central element for bringing museums and the public closer, as it broadens the understanding of exhibitions, stimulates critical thinking, and enables visitors to attribute new meanings to the displayed works and objects. It was observed that interactive and dialogical practices, grounded in visitor participation, contribute to the democratization of the museum space, favoring both leisure and learning dimensions. It was also found that incorporating playful and multimedia resources into educational actions enhances the public's experience, making it more inclusive and accessible to different age groups and sociocultural profiles. It was concluded that, currently, the museum is not limited to being a repository of cultural assets but acts as an active agent of social transformation, promoting encounters, exchanges, and processes of collective knowledge construction. The results showed that a balanced articulation between preservation, education, and leisure is essential for the museum to fulfill its social and cultural function, solidifying itself as a living, participatory space committed to diversity and cultural plurality.

Keywords: Museums. Museum education. Cultural mediation. Cultural heritage. Leisure.



Instituição afiliada – Doutora e Mestra em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Graduada em Turismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF, licenciada em Artes Visuais e Geografia pelo Centro Universitário da Escola Técnica Everardo Passos (SP). Técnica em Guia de Turismo pelo Centro de Profissionalização e Educação Técnica/CPET e credenciada no Cadastur em Guia de excursão Nacional e América do Sul/ Guia Regional Minas Gerais com especialidade em áreas naturais. Atualmente é Professora Substituta no Curso Técnico em Guia de Turismo do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais – Campus Santos Dumont (MG), tendo atuado também como Professora Substituta no Departamento de Turismo da UFJF. É co-líder do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Educação e Lazer (DELAZ) E-mail: romildaalopes@gmail.com.

Doutorado em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Licenciado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professor Associado do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora e da Especialização em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional. Líder do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Educação e Lazer (DELAZ) que atua em pesquisas e projetos de ensino e extensão nas áreas de lazer, educação e patrimônio cultural. E-mail: edwaldo.anjos@ufjf.br

Mestre em Turismo, Cultura e Ambiente e Especialista em Atrativos Culturais pela Universidade Federal Fluminense. Bacharel em Turismo com ênfase em Patrimônio e Gestão de Destinos Turísticos pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Bacharel e Licenciado em História pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER. E-mail: inaciobotto@hotmail.com

Doutorando e Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Especialista em Educação Básica, Bacharel em Ciências Humanas, Turismo, Pedagogia pela UFJF. Membro do Núcleo de Estudos em Religiões e Filosofias da Índia (NERFI-CNPq.) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF. E-mail: felizardoreis@gmail.com

Autor correspondente: Romilda Aparecida Lopes romildaalopes@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como foco analisar o papel educativo e social dos museus na contemporaneidade, considerando suas transformações históricas, conceituais e epistemológicas. A escolha do tema partiu do interesse em compreender como essas instituições, tradicionalmente associadas à preservação de acervos e à valorização de narrativas hegemônicas, vêm se reconfigurando para assumir funções mais democráticas, inclusivas e dialógicas. A investigação buscou, ainda, identificar de que maneira a educação museal se articula com o lazer e com o desenvolvimento cultural, aproximando-se de diferentes públicos e promovendo experiências significativas de fruição e aprendizagem.

A relevância deste estudo se justifica pela crescente valorização dos museus como espaços de cultura e cidadania, capazes de integrar práticas educativas, artísticas e sociais. Em um contexto marcado por debates sobre patrimônio cultural, memória e democratização do acesso, compreender o papel e o funcionamento dessas instituições contribui para a ampliação das políticas culturais e para a formulação de estratégias que potencializem sua função social. Além disso, a pesquisa oferece subsídios para educadores, gestores e mediadores culturais refletirem sobre metodologias de mediação mais participativas e inclusivas, alinhadas às demandas contemporâneas.

O problema central investigado consistiu em compreender como a mediação educativa nos museus pode equilibrar, de forma integrada, as dimensões de lazer e de educação, evitando abordagens unilaterais e estimulando o diálogo entre acervo, espaço expositivo e público. Buscou-se responder de que maneira a educação museal pode contribuir para a construção de sentidos e para a apropriação simbólica dos bens culturais, ampliando o alcance social dessas instituições.

Como objetivo geral, o trabalho propôs analisar a função educativa e social dos museus na atualidade, investigando as práticas de mediação e sua relação com o lazer e a fruição cultural. Entre os objetivos específicos, destacam-se: compreender a evolução histórica e conceitual do museu, relacionando-a às mudanças na concepção de patrimônio cultural; examinar o papel da mediação como estratégia de aproximação com o público; identificar práticas educativas inovadoras que favoreçam o diálogo e a



democratização do espaço museal. Cada um desses objetivos foi desenvolvido em capítulos distintos, permitindo aprofundar tanto os aspectos históricos e conceituais quanto as práticas contemporâneas.

METODOLOGIA

A metodologia empregada consistiu em pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica sistemática. Selecionaram-se obras de autores centrais na museologia e na educação museológica, incluindo Chagas (2011) - para análises sobre patrimônio e memória coletiva, Canclini (2008) - quanto às dinâmicas culturais híbridas e transnacionais, Leite, (2009) - em relação às práticas de mediação interpretativa, Santos (2006) - no escopo da epistemologia do Sul global e museus como espaços decolonialistas e Falcão (2009) - focando políticas públicas de acessibilidade cultural, complementadas por documentos normativos e diretrizes de instituições como o ICOM, o Ministério da Cultura e redes de museus brasileiros. A análise dos referenciais teóricos envolveu categorização temática e confronto dialético entre perspectivas, permitindo mapear convergências e tensões quanto ao papel dos museus como instituições educativas: desde visões tradicionais de custódia patrimonial até abordagens contemporâneas de educação não formal, crítica social e inclusão participativa. Esse panorama teórico estruturou as discussões subsequentes, fornecendo base analítica para a proposição de práticas pedagógicas alinhadas ao contexto educacional brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar a discussão sobre os museus, é necessário reconhecer que eles são espaços plurais, marcados por encontros e desencontros, presenças e ausências. Ao mesmo tempo em que podem causar estranhamento, também promovem a interação entre culturas e “eras” sociais, tocando seus visitantes. Muitas vezes vistos como “cofres” da memória e da história da humanidade, os museus estão em constante transformação, impossíveis de serem compreendidos apenas a partir de um recorte histórico específico. Trata-se de espaços complexos, onde memórias e narrativas



diversas se cruzam em diferentes tempos e lugares, refletindo uma tendência contemporânea em que o próprio sujeito — que constrói e reconstrói o espaço diariamente — delimita seu significado. Esse movimento contínuo permite múltiplas leituras e interpretações.

As obras e objetos presentes nos museus estimulam a imaginação, a fruição e a construção de saberes. Contudo, como lembra Chagas (2011, p. 13), é preciso aproximar-se deles “sem ingenuidade, mas também sem a arrogância do tudo saber”, reconhecendo-os como campos de tensão. Nessa linha, Canclini (2008, p. 169) observa que o museu é a “sede cerimonial do patrimônio”, guardando e celebrando-o, mas também reproduzindo o regime semiótico estabelecido por grupos hegemônicos. Assim, visitar um museu não é apenas entrar em um prédio e contemplar obras: é adentrar um sistema ritualizado de ação social.

Historicamente, o museu desempenhou o papel de guardião dos tesouros e saberes hegemônicos, priorizando solicitações elitistas, coleções pessoais e um discurso marcado pela erudição, em detrimento da participação e aproximação com o público (SANTOS, 2008; CHAGAS, 2005; LEITE, 2006). Por muito tempo, foi visto como instituição “superior” por supostamente narrar a “verdadeira história” e “formar pessoas”. Memórias de operários, escravizados e amas de leite eram invisibilizadas, enquanto artistas consagrados ocupavam as galerias e criadores populares buscavam espaço nas ruas. Essa trajetória contribuiu para que, ainda hoje, o museu seja percebido como lugar “sacro”, onde silêncio e austeridade imperam.

Entretanto, novas leituras disputam espaço com os saberes hegemônicos, revelando o potencial dos museus como ambientes democráticos e de cidadania. Mesmo que suas coleções carreguem bases ideológicas, eles também podem servir como referências para compreender a trajetória humana. Costa (1994, p. 44) lembra que um objeto se torna patrimônio público e memória coletiva por sua função simbólica, sua capacidade de portar significados e constituir identidades.

O contato com os objetos e exposições amplia a percepção dos museus como espaços culturais. Para Benjamin (1989), eles “são casas e espaços que suscitam sonhos”, funcionando como lugares de encontro entre gerações, memórias, identidades, culturas, grupos sociais e políticos (REDDIG, em REDDIG; LEITE, 2007).



Neles, a produção da diferença pode ser evidenciada sem que o “outro” seja tratado como inferior. Nesse espaço simbólico e aberto às ausências, os museus se tornam territórios de pontos de vista, imagens, memórias e esperanças, resultado da relação do homem com seu espaço-tempo (REDDIG; LEITE, 2007). Leite (2006) destaca que, além de preservar, os museus investigam, documentam e comunicam, atuando como espaços de produção de conhecimento, lazer e construção social da memória.

Foucault (2001) define os museus como lugares que acumulam registros de “todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos”, classificando-os como heterotopias: espaços paradoxais, vividos no presente, mas carregados de afirmação social. Nessa perspectiva, compreender os museus exige também compreender o conceito de patrimônio histórico-cultural, que ainda é tratado de forma restrita. Para Castriota (2009), esse conceito pressupõe uma relação reflexiva com o passado e a tradição, apoiando-se em Choay (2001), que vê o patrimônio como uma construção moderna, marcada pela distinção entre “monumento” e “monumento histórico”, conforme já apontava Alois Riegl no início do século XX.

Canclini (2008) amplia a noção de patrimônio cultural, incluindo as experiências cotidianas dos sujeitos, como o uso da linguagem e do conhecimento em seu contexto social. Tal mudança favorece a apropriação e a dessacralização desses espaços. Ainda assim, como lembra Abreu (2012), ecos da hegemonia permanecem, especialmente na preservação patrimonial, demandando reflexão crítica sobre como esses processos se dão no presente.

Ao discutir os museus, é preciso reconhecer que eles se constituem como espaços multifacetados, onde encontros e desencontros, presenças e ausências se entrelaçam. Ao mesmo tempo em que podem provocar inquietação, promovem o diálogo entre culturas e épocas, sensibilizando seus visitantes. Tradicionalmente vistos como “cofres” que guardam as memórias e histórias da humanidade, os museus, contudo, não permanecem estáticos: estão em constante transformação e não podem ser compreendidos apenas a partir de um único recorte histórico. São espaços complexos, nos quais histórias e memórias diversas se cruzam em diferentes tempos e lugares. Essa característica contemporânea evidencia que o museu é moldado e remodelado continuamente pela ação dos sujeitos, num constante “vai e vem”, que



possibilita múltiplas leituras e interpretações.

O PATRIMÔNIO CULTURAL EM DEBATE: Resignificações e Desafios

Os objetos e obras expostos estimulam a imaginação, a fruição e a construção de saberes. No entanto, como lembra Chagas (2011, p. 13), é preciso aproximar-se deles sem ingenuidade, mas também sem arrogância: “Um dos nossos desafios é aceitá-los como campos de tensão”. Nesse sentido, Canclini (2008, p. 169) afirma que o museu é a sede cerimonial do patrimônio, um espaço onde ele é preservado, celebrado e organizado segundo regimes semióticos estabelecidos por grupos hegemônicos. Visitar um museu, portanto, não é apenas entrar em um edifício e observar obras, mas adentrar um sistema ritualizado de ação social.

Historicamente, o museu foi concebido como guardião dos tesouros do tempo, incumbido de transmitir saberes hegemônicos. Durante muito tempo, predominou uma perspectiva elitista, centrada na erudição e na preservação de coleções privadas, em detrimento da participação popular (SANTOS, 2008; CHAGAS, 2005; LEITE, 2006). Assim, memórias de operários, escravizados e amas de leite eram invisibilizadas, enquanto artistas consagrados ocupavam as galerias. Essa postura contribuiu para a imagem do museu como um espaço “sacro”, regido pelo silêncio e pela austeridade.

Entretanto, visões mais recentes disputam espaço com essa narrativa hegemônica, revelando o potencial do museu como ambiente democrático e de cidadania. Costa (1994, p. 44) destaca que o que transforma um objeto comum em patrimônio público e memória coletiva é sua função simbólica, sua capacidade de carregar significados e construir identidades. O contato com objetos expostos aproxima o público e reforça a percepção do museu como lugar de cultura. Benjamin (1989) o define como espaço que “suscita sonhos”, e Reddig (2007) o descreve como local de encontro de gerações, trocas, memórias e identidades — um território de reconhecimento mútuo e produção de diferenças sem exclusão.

Para Leite (2006), os museus não se limitam à guarda de acervos: também investigam, documentam, comunicam e proporcionam lazer, contribuindo para a construção social da memória e para a análise crítica da sociedade. Foucault (2001) os



considera “heterotopias” — espaços paradoxais que acumulam registros de todos os tempos e estilos, afirmando diferentes formas de vida social.

Compreender os museus implica, portanto, aprofundar o entendimento sobre patrimônio histórico-cultural, conceito ainda restrito. Castriota (2009), apoiando-se em Choay (2001) e Riegl, ressalta que a ideia moderna de “monumento histórico” surgiu no contexto europeu, distinta do monumento intencional das culturas antigas. Canclini (2008) acrescenta que o patrimônio cultural deve incluir as vivências cotidianas, como práticas linguísticas e saberes locais, o que favorece a apropriação e a dessacralização do espaço museal. Ainda assim, resquícios da lógica hegemônica permanecem, especialmente nas políticas de preservação, como aponta Abreu (2012) ao refletir sobre a tradição francesa de proteção patrimonial.

Ao ressaltar o potencial educativo e social dos museus na contemporaneidade, é essencial considerar as transformações conceituais e epistemológicas que vêm ocorrendo em seus pressupostos teóricos e práticos. Tais mudanças contribuem significativamente para o processo de resignificação e dessacralização tanto da instituição quanto do próprio fazer museológico. Para que o aspecto educativo seja valorizado, é preciso reconhecer a pluralidade de linguagens e públicos que frequentam o museu. Sob essa perspectiva, este estudo parte do entendimento de que, antes de ser um espaço de lazer ou ensino, o museu é, sobretudo, um lugar de cultura (KRAMER, 1998; SANTOS, 1997), capaz de integrar diferentes dimensões no direcionamento de suas práticas.

Assim, concebidos como lugares de cultura, os museus podem, por meio de práticas educativas que incorporam elementos de lazer, estabelecer diálogos, provocar interpretações e serem continuamente reinterpretados, não podendo mais ser entendidos como “produtos acabados” — ainda que se mantenham condicionados a contextos histórico-sociais (SANTOS, 2008).

A educação em museus desperta, atualmente, grande interesse, tanto pelo papel social que desempenha quanto pelas práticas e reflexões que promove. Hoje, a atenção não se volta apenas à organização e preservação dos acervos, mas também à compreensão, ao desenvolvimento e à divulgação do conhecimento, bem como à formação de público, entendida como forma de disseminar saberes por meio de ações



educativas (FRONZA-MARTINS, [s.d.], p.71).

Hermeto e Oliveira (2009) destacam que a relação entre museu e educação se apresenta hoje de maneira mais ampla e diversa do que no período de surgimento dessas instituições. O processo de ensino-aprendizagem ultrapassa os limites da escola, que deixa de ser o espaço exclusivo da educação. Nesse cenário, o museu ganha relevância, especialmente por suas especificidades e potencial educativo (HERMETO; OLIVEIRA, 2009, p.91). Assim, observa-se uma forma própria de desenvolvimento da dimensão educativa, na qual o lazer surge como possibilidade de uma educação não formal, capaz de promover interação social, participação cidadã e democratização do acesso à cultura.

Ao analisar visitas mediadas para grupos escolares do ensino fundamental, três aspectos se mostram centrais: a exposição e seu espaço; as características do público; e a relação com os mediadores.

O público chega ao museu com diferentes capacidades de compreensão sobre os temas apresentados, trazendo consigo redes de conhecimento pré-existentes, abertas à incorporação de novas informações. Fatores sociais e expectativas pessoais influenciam a forma como cada visitante atribui significado às narrativas museais. Por isso, a pedagogia museal deve contemplar esses elementos, estabelecendo vínculos entre museu e visitante. Isso exige abertura para a negociação com o público, de forma que as exposições deixem de ser meros conjuntos de ilustrações e passem a ser compreendidas como construções interpretativas voltadas à compreensão, à parceria e ao diálogo entre sujeito e objeto do conhecimento (VALENTE citado por GOUVÊA; VALENTE; CAZELLI, 2001, p.171).

Nesse sentido, exposições permanentes ou itinerantes com caráter participativo e interativo tornam-se pontos privilegiados para fortalecer a participação social e a aproximação com a comunidade. Essas práticas, quando associadas ao lazer, podem oferecer experiências lúdicas que rompem com a imagem de um espaço frio e distante, estimulando reflexões críticas e aprendizagem.

Falcão (2009) descreve um amplo conjunto de ações educativas possíveis nos museus: visitas orientadas, guiadas, monitoradas ou dramatizadas; atendimento e formação de professores; oficinas, cursos, conferências, exhibições de filmes e vídeos;



práticas de leitura e contação de histórias; exposições itinerantes; além da produção de materiais pedagógicos e informativos, como livros, jogos, guias, folders, kits educativos, áudio-guias, aplicativos multimídia, sites institucionais, entre outros.

Apesar dessa diversidade, é fundamental que as ações considerem as características específicas de cada visitante ou grupo. Hugues de Varine (citado por MARTINS, 2006, p.9) ressalta que toda prática museal — seja de pesquisa, conservação ou educação — deve funcionar como meio de integração cultural, substituindo a noção estática de conhecimento por uma concepção dinâmica, vinculada ao desenvolvimento.

Diante disso, torna-se claro que muitas ações educativas em museus demandam novas abordagens dialógicas, capazes de criar espaços de aprendizagem inovadores. Mesmo como complemento à educação formal, o museu busca promover o aprendizado social da história, da ciência e da arte, envolvendo múltiplas áreas e disciplinas (FRONZA-MARTINS, [s.d], p.73). Kramer reforça que a educação é um processo contínuo e dinâmico, incompatível com paradigmas verticalizados de transmissão de saberes, e que o papel dos museus deve acompanhar uma concepção de conhecimento que integre ciência, arte e cultura (KRAMER citada por LEITE; OSTETTO, 2005, p.38).

Assim, a educação nos museus deve ser interativa, dialógica e não compartimentada. Hermeto e Oliveira (2009, p.93) apontam que as ações educativas revelam como os museus assumiram papel ativo na construção da relação entre público e acervo, utilizando recursos motivacionais, comunicativos e interativos, e permitindo que o próprio visitante selecione elementos de seu interesse.

Cabral (2002) defende que a ação educativa em museus deve se basear em metodologias que formem sujeitos histórico-sociais críticos e criativos, a partir de seus objetos tangíveis e intangíveis, integrando dimensões afetivas, emocionais, sensoriais, cognitivas e abstratas. Nesse contexto, a esfera das ações educativas se configura como espaço privilegiado para o lazer no museu — entendido não apenas como entretenimento, mas como prática social que estimula reflexão crítica, troca de experiências e participação cidadã.

O museu, por meio dessas ações, pode ampliar as formas de aprendizagem, incorporando elementos lúdicos e reconhecendo sua inserção em um contexto histórico-social específico (SANTOS, 2008). Essas experiências são dinâmicas e



complexas, atravessadas por temporalidades e contextos próprios, que se entrelaçam, coexistem ou se separam (SANTOS, 2006). Resta, então, a reflexão: a visita mediada seria uma experiência de lazer ou estritamente educativa?

Ao destacar o papel educativo e social dos museus na contemporaneidade, é fundamental considerar as mudanças conceituais e epistemológicas que têm reformulado seus pressupostos teóricos e práticos. Essas transformações contribuem para o processo de ressignificação e dessacralização tanto da instituição quanto do fazer museológico. Para que o aspecto educativo seja valorizado, é necessário reconhecer a diversidade de linguagens e de públicos que frequentam o espaço museal. Assim, este estudo parte do entendimento de que, antes de ser educativo ou de lazer, o museu é, essencialmente, um espaço de cultura (KRAMER, 1998; SANTOS, 1997), capaz de integrar diferentes dimensões em suas práticas.

Nessa perspectiva, ao serem compreendidos como lugares de cultura, os museus podem, por meio de ações educativas que incorporam elementos do lazer, ser interpretados, ressignificados e provocar diálogos com o público. Não podem mais ser vistos como “produtos acabados”, ainda que estejam inseridos em contextos históricos e sociais específicos (SANTOS, 2008).

O interesse pela educação em museus cresce continuamente, tanto em relação ao papel social dessas instituições quanto às práticas desenvolvidas em seus espaços e às reflexões que delas decorrem. O foco desloca-se da simples organização e preservação de acervos para a compreensão, divulgação e formação de público, visando disseminar conhecimentos por meio de ações educativas (FRONZA-MARTINS, [s.d], p.71).

Hermeto e Oliveira (2009) observam que a relação museu-educação se apresenta hoje de forma mais ampla e diversa do que no período de origem dos museus. O processo de ensino-aprendizagem deixou de estar restrito à escola, abrindo espaço para outros ambientes educativos, entre os quais o museu ocupa posição de destaque por suas especificidades e seu potencial formativo (HERMETO; OLIVEIRA, 2009, p.91). Assim, consolida-se a ideia de que os museus desenvolvem uma dimensão educativa própria, em que o lazer se apresenta como possibilidade de educação “não formal”, favorecendo interação social, participação cidadã e democratização do acesso à cultura.



Ao analisar visitas mediadas para grupos de escolares do ensino fundamental, três aspectos devem ser considerados: a exposição e seu espaço, o perfil do público e a interação com os mediadores. Os visitantes chegam ao museu com bagagens culturais distintas e redes de conhecimento parcialmente construídas, abertas a novas conexões. Suas experiências e expectativas influenciam diretamente a forma como atribuem significado às narrativas museais. Por isso, a pedagogia museal deve articular estratégias que promovam o diálogo e permitam uma relação horizontal com o público, evitando que as exposições se limitem a ilustrações passivas e estimulando a compreensão e a negociação de sentidos (VALENTE citado por GOUVÊA; VALENTE; CAZELLI, 2001, p.171).

As exposições permanentes ou itinerantes, quando interativas e participativas, podem ser instrumentos poderosos de democratização do espaço e de promoção de uma educação mais instigante. Ao incorporarem elementos lúdicos, favorecem experiências prazerosas que estimulam a reflexão crítica e o aprendizado. Falcão (2009) aponta que as práticas educativas em museus abrangem uma ampla variedade de ações, como visitas orientadas ou dramatizadas, programas de capacitação docente, oficinas, cursos, conferências, mostras audiovisuais, contação de histórias, exposições itinerantes, materiais educativos impressos e digitais, entre outros.

Essas atividades, contudo, devem preservar o vínculo museu-público, respeitando as particularidades de cada grupo. Hugues de Varine (citado por MARTINS, 2006, p.9) defende que toda ação museal — seja pesquisa, conservação ou educação — deve funcionar como meio de integração cultural, substituindo a visão estática de conhecimento pelo conceito dinâmico de desenvolvimento.

As reflexões aqui reunidas indicam que as práticas educativas atuais demandam metodologias dialógicas e inovadoras, capazes de criar novos espaços de aprendizagem. Ainda que complementares ao ensino formal, os museus buscam proporcionar uma aprendizagem social da história, ciência e arte, integrando diferentes áreas do saber (FRONZA-MARTINS, [s.d], p.73). Nesse sentido, a educação museal precisa romper com o paradigma verticalizado de transmissão de conhecimento e abarcar dimensões artísticas e culturais (KRAMER citada por LEITE; OSTETTO, 2005, p.38).

Assim, as ações educativas nos museus devem priorizar processos dinâmicos, interativos e centrados no diálogo, de modo que a instituição se posicione como sujeito



ativo na relação entre público e acervo (HERMETO; OLIVEIRA, 2009, p.93). Cabral (2002) acrescenta que essas ações devem promover atividades com metodologias próprias, visando à formação de sujeitos críticos e socialmente engajados, a partir do contato com objetos tangíveis e intangíveis.

Quando compreendida como prática social, a ação educativa em museus favorece a reflexão crítica, a troca de experiências e a participação cidadã, além de contribuir para a preservação e valorização do patrimônio e para a construção da memória cultural. Ao incorporar elementos lúdicos, o museu amplia as possibilidades de aprendizagem e de vivência cultural. Assim, lazer e educação, quando integrados à dimensão cultural dos museus, tornam-se manifestações dinâmicas, contextuais e simbólicas, capazes de gerar experiências ricas e significativas. Surge, então, a questão: a visita mediada constitui um momento de lazer ou de educação?

EDUCAÇÃO MUSEAL E MEDIAÇÃO CULTURAL: a construção de diálogos

O papel educativo e social dos museus na contemporaneidade reflete mudanças conceituais e epistemológicas que vêm reformulando seus pressupostos e práticas. Essas transformações favorecem a ressignificação e a dessacralização da instituição, ampliando a valorização da diversidade de linguagens e de públicos. Parte-se aqui da compreensão de que, antes de ser educativo ou de lazer, o museu é, essencialmente, um espaço de cultura (KRAMER, 1998; SANTOS, 1997), capaz de integrar essas dimensões em suas ações.

Compreendidos como lugares de cultura, os museus podem provocar diálogos e ressignificações por meio de práticas educativas que incorporam elementos lúdicos. Não são produtos acabados, mas instituições situadas em contextos históricos e sociais específicos (SANTOS, 2008). O interesse pela educação museal cresce, deslocando o foco da simples preservação de acervos para a formação de público e a disseminação de conhecimento (FRONZA-MARTINS, [s.d]).

Segundo Hermeto e Oliveira (2009), a relação museu-educação hoje é mais ampla que na origem dessas instituições. O processo de ensino-aprendizagem não se limita à escola, e o museu destaca-se como espaço formativo singular, articulando



educação não formal, interação social e democratização cultural.

Na análise de visitas mediadas para escolares, três aspectos se sobressaem: a exposição e seu espaço, o perfil do público e a interação com mediadores. O visitante chega com bagagens culturais próprias, e a pedagogia museal deve promover diálogo e negociação de sentidos, evitando transmissões unilaterais (VALENTE citado por GOUVÊA; VALENTE; CAZELLI, 2001).

Exposições interativas e participativas democratizam o espaço e potencializam o aprendizado. Falcão (2009) destaca a variedade de práticas educativas possíveis, como visitas orientadas, oficinas, cursos, mostras audiovisuais e materiais digitais, desde que preservem o vínculo museu-público. Para Hugues de Varine (citado por MARTINS, 2006), toda ação museal deve integrar cultura e desenvolvimento, substituindo visões estáticas por processos dinâmicos.

A educação museal contemporânea requer metodologias dialógicas e inovadoras, rompendo com paradigmas verticais e abrangendo dimensões artísticas e culturais (KRAMER citada por LEITE; OSTETTO, 2005). As ações devem formar sujeitos críticos e engajados (CABRAL, 2002), articulando lazer e educação como manifestações dinâmicas e simbólicas que promovem vivências significativas. A crescente demanda por estudos que articulem lazer e museus revela-se importante não apenas para ampliar a participação do público nesses espaços, mas também para a formulação de políticas públicas que promovam sua acessibilidade e relevância social. Desde o século passado, observa-se uma valorização dos museus como ambientes favoráveis ao aprendizado e como espaços propícios à participação social.

Em contraponto, muitos estudiosos têm discutido a finalidade educativa dos museus. Chagas (2001) destaca que, nas décadas de 1970 e 1980, a dimensão educativa dos museus estava limitada a um papel complementar da educação formal, como se esses espaços fossem meros coadjuvantes da escola, comparados a “livros-texto para serem lidos em pé”. Essa abordagem impediu que o visitante experimentasse deslumbramento, admiração e construísse hipóteses próprias, priorizando a transmissão de conhecimentos e a repetição do modelo tradicional, mesmo no contexto da educação museal. Já na década de 1990, houve uma mudança de foco, buscando-se uma abordagem educativa específica e diferenciada em relação à educação escolar.



Dessa forma, os museus passaram a ser reconhecidos por sua maneira própria de desenvolver a dimensão educativa, incorporando o lazer como uma das diversas possibilidades para a educação não formal. Assim, tornaram-se espaços de interação com os sujeitos, fomentando a participação social, a democratização e a cidadania.

Para os visitantes, incluindo estudantes em visitas escolares, os museus são reconhecidos como espaços educativos, mas a dimensão do lazer não pode ser descartada. Museu, educação e lazer são elementos culturais que se relacionam e se sobrepõem constantemente. Portanto, ao considerar o lazer nas visitas mediadas, não se exclui a aprendizagem, uma vez que esta depende da curiosidade e dos aspectos lúdicos, levando em conta o movimento e a experiência do visitante.

Um ponto central para compreender o museu como espaço educativo e de lazer está na definição oficial do ICOM, que dissemina mundialmente a seguinte concepção: museus são instituições sem fins lucrativos, de caráter permanente, colocadas “[...] ao serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes” (ICOM/BR, 2008, p.28).

os.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa proposta permitiu compreender que os museus, na contemporaneidade, assumem um papel que transcende a função de preservar e expor acervos, tornando-se espaços de interação, aprendizado e construção coletiva de conhecimento. A análise histórica e conceitual evidenciou que as transformações sociais e tecnológicas exigiram dessas instituições novas formas de diálogo com o público, ampliando suas funções educativas e culturais. Nesse contexto, verificou-se que a mediação educativa ocupa posição central para garantir que a experiência do visitante seja significativa, inclusiva e capaz de estimular reflexões críticas sobre o patrimônio e a



cultura.

O estudo atingiu os objetivos estabelecidos, ao demonstrar como a integração entre preservação, educação e lazer potencializa a relevância social do museu. As práticas de mediação analisadas mostraram-se eficazes para ampliar o acesso, diversificar o público e promover a participação ativa dos visitantes. Observou-se que ações baseadas em recursos interativos, linguagem acessível e valorização da diversidade cultural reforçam o caráter democrático e plural dessas instituições. Assim, o problema de pesquisa — relacionado à compreensão de como os museus podem se adaptar às demandas contemporâneas sem perder sua essência preservacionista — foi plenamente respondido.

As reflexões obtidas indicaram que, ao adotar metodologias educativas inclusivas e estratégias de comunicação inovadoras, os museus fortalecem seu papel como agentes de transformação social. Essa postura não apenas preserva o patrimônio cultural, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais consciente, participativa e crítica. Portanto, a consolidação do museu como espaço vivo e dinâmico depende do equilíbrio entre tradição e inovação, garantindo que a memória coletiva seja preservada ao mesmo tempo em que se constrói um futuro culturalmente mais diverso e acessível.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. **Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais**. Rio de Janeiro: Unirio, 2012.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

CABRAL, M. **Educação em Museus como produto: Quem está comprando?** (CONFERÊNCIA DE NAIROBI, 2002) Boletim CECA-Brasil, nº 1, 2002.

CANCLINI, N. G. **O Porvir do passado**. In: *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2008. p.159-204.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.



CAZELLI, S.; COIMBRA, C. A.; VERGARA, M.; COSTA, A; FALCÃO, D.; VALENTE, M. E. **Mediando ciência e sociedade: o caso do Museu de Astronomia e Ciências Afins**. In: MASSARANI, L. (Ed.) Workshop sul americano e Escola de mediação em Museus e Centros de Ciências. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2008, p.37- 42.

CHAGAS, M. **Museus, memórias e movimentos sociais**. Cadernos de sociomuseologia, vol. 41, ed. 5, 2011.

CHAGAS, M. de S. **Museu de ciências, assim é se lhe parece**. IN: MUSEU: pesquisa, acervo e comunicação. Cadernos do CEOM. n.21, jun.2005. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Chapecó-SC.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: EDUNESP, 2001.

COSTA, M. C. C. **O objeto, o colecionador e o museu**. Revista Imaginário, Memória, NIME, USP, São Paulo, n. 2, p. 37-45, jan. 1994.

FALCÃO, A. **Museu como lugar de memória**. Em: Museu e escola: educação formal e não-formal. Ano XIX – n. 3; mai. 2009.

FOUCAULT, M. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRONZA-MARTINS, A. S. **Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte**. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDFInterstitial/198/195>. Acesso em: 15 abril de 2012.

GOUVÊA, G.; VALENTE, M. E.; CAZELLI, S.; MARANDINO, M. **Redes Cotidianas de Conhecimentos e os Museus de Ciências**. Parecerias Estratégicas, Brasília, n. 11, p. 169-174, 2001.

HERMETO, M.; OLIVEIRA, G. D. **Ação educativa em museus: Produção de conhecimento e formação para a cidadania?** 2009.

ICOM. Conselho Internacional de Museus: Comitê Brasileiro. *Definições de museus*. 2008. Disponível em: <<http://www.icom.org.br>>. Acesso em 10 jul. 2025.

KRAMER, S. **Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar em museus**. In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. (orgs.). *Infância e Produção Cultural*. São Paulo: Papius, 1998.

LEITE, M.I. **Criança, velhos e museu: memória e descoberta**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 26, n. 68, p. 74-85, 2006.

LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papius, 2005.

MARTINS, L. C. **A relação museu/escola: teorias e práticas educacionais nas visitas escolares ao museu de Zoologia da USP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

REDDIG, A. B.; LEITE, M. I. **O lugar da infância nos museus**. Musas (IPHAN), v. 1, p. 32-41, 2007.



SANTOS, B. de S. "**Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**". Em: BARREIRA, C. (Ed.), *Sociologia e Conhecimento além das Fronteiras*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2006.

SANTOS, M. de O. C. **As lições das coisas (ou Canteiros de obras) – através de uma metodologia baseada na educação patrimonial**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: DE-PUC, 1997.

SANTOS, M. C. T. M. **Museu e educação: conceitos e métodos**. In: *Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. 2008. Minc/IPHAN/DEMU. Rio de Janeiro-RJ.